

A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento

DEBERT, Guita Grin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999

Marlene Gonçalves*

Quando nos foi proposto resenhar o livro acima, lembramo-nos de Norberto Bobbio¹, que reflete a velhice a partir de sua condição de velho, e de forma comovente fala da irreversibilidade do envelhecimento biológico, subentendido com a também irreversível finitude da vida, que no velho já apresenta sinais silenciosos, porém visíveis, como a lentidão dos movimentos físicos. É deveras gratificante, além de inquietante ler um velho como Norberto Bobbio não só pelo respeito intelectual adquirido, mas sobretudo pela excelente autobiografia que o velho filósofo-jurista nos deixa como legado de si mesmo.

Lê-la é conhecer um pouco do universo humano e pessoal de Norberto Bobbio e surpreender-se com a sua constante consciência de finitude: “Ainda estou aqui” (1977, p. 33).

Debert, com a “Reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento”, oferece uma importante contribuição para o estudo da velhice no país, além de levá-lo para o interior da academia. Parafraseando Bobbio poderíamos dizer que Debert ancorada no seu *métier* de antropóloga “olhar, ouvir, escrever”², demonstra que a velhice “está aqui”, não só no sentido de visualiza-la quantitativamente, mas assumi-la como objeto de pesquisa acadêmico, não só na antropologia, como também nas demais ciências que compõem o universo acadêmico.

Entretanto como antropóloga que é, a autora apresenta seus argumentos nos parâmetros da antropologia, e é interessante como vai dando visualidade à questão da velhice, não apenas como um problema social e político, mais como uma realidade vivenciada concretamente por um significativo número de pessoas, fazendo com que a velhice deixe de ser uma questão de foro privado para transformar-se numa questão pública, exigindo das autoridades constituídas, uma política que atenda às necessidades de uma população que tende a aumentar.

A autora analisa a visualidade da velhice não só pelo viés do aumento crescente de pessoas que estão na faixa etária da velhice, mas o modo pelo qual esse

* Doutoranda da FE, Grupo de Estudo Trabalho, Cultura e Educação (GETCE) – Unicamp, Professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

1. BOBBIO, N. *O Tempo da Memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campos, 1997

2. OLIVEIRA, R.C. *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: Unesp, 1998

processo de visibilidade foi construído, num espaço de apenas duas décadas tendo, como questão pertinente, uma preocupação maior das pessoas com a idade cronológica. Diante disso pergunta-se: Porque no final do século (XX) a idade cronológica passa a fazer parte das preocupações das pessoas? Quais as implicações das idades nesse contexto conjuntural de final de século?

A autora faz um estudo minucioso, mostrando as transformações que vão se consolidando no que se refere às idades cronológicas, não só no sentido de especificá-las – infância, adolescência, idade adulta e velhice –, mas de prescrever os comportamentos, os direitos e os deveres para cada faixa etária. Nesse bojo de transformações a idade deixa de ser controlada pelo setor privado e passa para o jurídico (Família Estado).

Conjugando-se diferenças de idades com as respectivas normas de comportamentos prescritos para cada faixa etária, aliados a um processo cultural que justifica a naturalidade de tais normas como uma necessidade de organização social, um elemento essencial para a sociabilidade humana.

É nesse esmiuçar do sentido das idades que a autora reflete sobre a velhice e o que denomina de reivenção da mesma, não apenas do ponto de vista cronológico, mas como um conjunto de interfaces, por causa da complexidade do tema. A velhice não é uma abstração porque as pessoas não são uma abstração, portanto a velhice é uma realidade vivida por pessoas velhas com suas histórias, com suas experiências de velhos, porém histórias e experiências de vida singulares. Vividas no contexto sócio-econômico, cultural e étnico em que cada um está inserido.

Experiências singulares essas, vivenciadas no asilo ou nos Programas de Terceira Idade, constituídas de significados diferentes de acordo com a história pessoal de cada pessoa, os motivos que os levaram tomar a decisão de ir morar no asilo, decisão para as mulheres, às vezes difícil e solitária. O asilo é o lugar de companhia, mas o lugar da culminância da finitude da idade cronológica.

Já a experiência da velhice nos Programas de Terceira Idade é uma decisão suave, no sentido de uma escolha livre. Nos Programas, a idade cronológica não é compulsoriamente vinculada à velhice, visto que as pessoas estão se aposentando a partir dos 45 anos, e número significativo de pessoas nessa mesma faixa etária procuram os Programas. Todavia, as escolhas de morar no asilo e participar dos Programas oferecidos para a Terceira Idade são escolhas de foro íntimo e com finalidades diferentes: ir para o asilo é ter a garantia de uma velhice assistida, até o fim da vida sem dar trabalho aos parentes, além de não sentir solidão do ponto de vista da presença física de outros. Já a escolha de participar dos Programas para a maioria das pessoas pesquisadas significa uma nova fase da vida. Para umas é a oportunidade de estudar e se divertir, para outras fazer novos amigos etc.; enfim é viver uma nova experiência que tinha sido suprimida, ou por motivos pessoais ou de trabalho.

Justaposta à visualização da velhice nos asilos e nos Programas, uma nova imagem de velhice bem sucedida é construída, tendo como âncoras os gerontólogos, as pessoas de mais idade e a mídia, contando com a variedade de produtos de beleza que prometem retardar o envelhecimento. Além de criar uma nova imagem do idoso ativo e investidor, em oposição ao solitário e pobre, a velhice transforma-se num problema social, porém de responsabilidade individual.

Enfim, o envelhecimento populacional brasileiro é uma realidade em escala crescente e precisa ser estudado. Debert já lançou o convite aos profissionais que convivem mais de perto com velhice para futuras pesquisas conjuntas: “(...) considero importante renovar nosso diálogo com os gerontólogos e geriatras, propondo talvez velhas questões, por exemplo: como conciliar a reivenção da velhice bem-sucedida com a facticidade do declínio biológico e do espectro terrificante do prelúdio da morte social?” (1999, p. 253).